

Entre tensões e adaptações: o campo do Jornalismo e as IA'S Generativas¹

Zulmira Nóbrega²

Maria Laura Medeiros Silva³

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

O estudo investiga a incorporação das inteligências artificiais generativas no jornalismo, analisando suas implicações éticas, profissionais e estruturais. A pesquisa articula as noções de campo, habitus e luta simbólica em Bourdieu para demonstrar como a entrada da IAG's modifica regras, agentes e hierarquias internas, exigindo adaptações nos modos de trabalho e nos valores profissionais do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; inteligência artificial generativa; adaptação tecnológica; legitimidade jornalística; ética profissional.

INTRODUÇÃO

As inteligências artificiais generativas (IAG's) têm reconfigurado dinâmicas em diversos setores sociais, com impactos particularmente significativos no campo jornalístico. Ferramentas como ChatGPT, DeepSeek e outros modelos de linguagem avançada oferecem possibilidades inéditas para a produção, edição e distribuição de conteúdo, mas também introduzem desafios complexos relacionados à ética, à autoria e à credibilidade da informação. Este estudo investiga os processos de incorporação dessas tecnologias no jornalismo, analisando não apenas suas aplicações práticas, mas também as tensões simbólicas e estruturais que emergem dessa interação.

A pesquisa parte de uma problemática central: como a IA está transformando as regras, hierarquias e valores do campo jornalístico? Para responder a essa questão, adotamos uma abordagem teórico-empírica, articulando conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu com experimentações práticas que testam os limites e possibilidades

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

²Orientadora do trabalho. Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação de Jornalismo da UFPB, e-mail: zulmiranobrega@uol.com.br

³Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: contactlauramedeiros@gmail.com

das IAG's na recriação de matérias jornalísticas. O estudo concentra-se em aspectos como veracidade, viés algorítmico e adaptação profissional, buscando compreender como os jornalistas negociam sua autoridade discursiva em um cenário cada vez mais automatizado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O arcabouço teórico deste trabalho apoia-se nas noções de campo, habitus e luta simbólica desenvolvidas por Pierre Bourdieu (2008; 2011). Para o autor, o campo jornalístico é um espaço de disputas onde agentes competem pela legitimidade do discurso, reproduzindo ou subvertendo normas institucionalizadas. A introdução da IA nesse contexto altera as dinâmicas de poder, deslocando parte da autonomia tradicionalmente exercida por jornalistas para sistemas algorítmicos.

Complementarmente, dialogamos com Tejedor (2022), que argumenta que a adoção da IA no jornalismo não é neutra: ela exige condições estruturais, como a manutenção dos princípios éticos da profissão (veracidade, imparcialidade, responsabilidade social) e uma formação crítica que permita aos profissionais dominar — e não serem dominados por — as tecnologias emergentes.

RESULTADOS

Os experimentos realizados com o ChatGPT e a DeepSeek na reconstrução de matérias jornalísticas revelaram um cenário de contrastes, marcado tanto por potencialidades quanto por riscos significativos. Ao reescrever a reportagem "Mais de 200 mil pessoas participam de homenagem ao papa Francisco", originalmente publicada pela CNN Brasil, observou-se que as IAG's demonstraram capacidade de síntese e adaptação a diferentes formatos narrativos, produzindo versões concisas e estruturalmente coerentes em tempo consideravelmente menor do que o exigido por um jornalista humano. No entanto, essa eficiência operacional esbarra em limitações críticas, especialmente no que diz respeito à fidelidade factual e à profundidade analítica. Em diversas tentativas, os sistemas omitiram detalhes contextuais relevantes ou introduziram pequenas imprecisões, como datas aproximadas ou generalizações sobre o perfil dos participantes do evento. Esses erros, ainda que sutis, podem

comprometer a confiabilidade do conteúdo, especialmente em coberturas que exigem rigor na apuração.

Além disso, em situações onde a matéria original continha informações não verificadas ou em disputa, as IAG's demonstraram dificuldade em diferenciar fatos consolidados de rumores, reproduzindo inadvertidamente conteúdos potencialmente enganosos. Esse comportamento é particularmente preocupante em um contexto midiático já marcado pela proliferação de desinformação.

DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução da IA no jornalismo reflete um impacto significativo no *campo* jornalístico. A IA desafia o *habitus* dos jornalistas, que precisam se adaptar a novas formas de produção e verificação. Esse processo gera uma *luta simbólica*, com a disputa pela autoridade sobre o discurso jornalístico entre humanos e sistemas automatizados. É necessário um debate profundo sobre o futuro da profissão, capaz de integrar inovação tecnológica sem abandonar os princípios éticos que sustentam a credibilidade jornalística. Ademais, a experiência prática com IAG's demonstra que, embora essas ferramentas possam otimizar processos operacionais, elas não são — e talvez nunca venham a ser — substitutas completas para o julgamento humano, especialmente em situações que demandam contextualização histórica, sensibilidade social ou investigação crítica. A automatização de tarefas rotineiras, como a produção de resumos ou a transcrição de entrevistas, pode liberar os jornalistas para funções mais complexas, mas essa transição só será benéfica se acompanhada por uma formação profissional que enfatize o domínio crítico das tecnologias, e não sua submissão a elas.

Nesse sentido, a preservação da legitimidade do jornalismo passa pela construção de um novo pacto entre humanos e máquinas, no qual a IA seja entendida como ferramenta auxiliar, e não como fim em si mesma. Isso implica, entre outras medidas, o desenvolvimento de protocolos editoriais específicos para o uso de sistemas generativos, incluindo mecanismos de auditoria que garantam transparência nos processos automatizados. Da mesma forma, é urgente que as redações invistam na alfabetização digital de seus profissionais, capacitando-os não apenas a operar essas tecnologias, mas a identificar e corrigir seus vieses.

O cenário que se desenha é de transformação inevitável, mas não de substituição absoluta. A inteligência artificial generativa pode ser uma aliada do jornalismo, mas apenas se seu uso for guiado por um compromisso inegociável com a verdade, a ética e a autonomia profissional – pilares que, em última instância, dependem da mediação humana.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: BOURDIEU, Pierre. Sociologia e cultura. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2008. p. 183-202.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- RODRIGUES, Daniel S. R. *A teoria da prática de Pierre Bourdieu à luz da noção weberiana de tipo ideal*. Revista Inter-Legere, [S. l.], v. 4, n. 30, p. c18643, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/18643>. Acesso: 13 abr. 2025.
- ROSSETTI, Regina; GARCIA, Kethly. *Inteligência artificial generativa: questões jurídicas e éticas em torno do ChatGPT*. Virtuajus, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 253–264, 2023. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/30769>. Acesso: 12 abr. 2025.
- SILVA, Francilene de Oliveira. *Impactos da Inteligência Artificial no jornalismo*. Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo, 10(2), 172–174. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/22462>. Acesso: 13 de abril de 2025.
- TEJEDOR, Santiago (Org.). *La inteligencia artificial en el periodismo. Mapping de conceptos, casos y recomendaciones*. Barcelona: Editorial UOC, 2023, 192 pág.